

## A POESIA E DEUS

A João Augusto d'Ornelas

Quem ha ahi, por mais descrente que seja que não se curve reverente ao ouvir pronunciar o santo nome de Deus?

Quem, mirando o céu puro e límpido, meigo como creança adormecida, não sente ecoar-lhe na alma uma voz misteriosa, profunda e indefinível, a dizer-lhe continuamente —Deus?

O espectáculo sublime da natureza, apresentando ao homem os segredos inefáveis da criação, é bastante para acreditarmos na existência de um Ser Omnipotente, Supremo e Majestoso.

Quem de nada, materialistas, pôde formar um quadro tão grandioso, tão belo, admirável e surpreendente? Ninguém!

Soares de Passos, o poeta, como dizem, das saudades de Deus, roubado tão cedo à pátria, vêde como o reconhece na sua elevada poesia O FIRMAMENTO:

Glória a Deus! Eis aberto o livro immenso,  
O livro do infinito.  
Onde em mil letras de fulgor intenso  
Seu nome adoro escripto.  
Eis de seu tabernaculo corrida  
Uma ponta do veo mysterioso:  
Desprende as azas remontando à vida,  
Alma que anceias pelo eterno gozo!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,  
Quaes são vosso destinos?  
Vós sois as lampadas sagradas  
De seus umbraes divinos.  
Pullulando do seio omnipotente,  
E sumidas por fim na eternidade,  
Sois as faiscas de seu carros ardente  
Ao rolar através da immensidade.

O festejado Thomaz Ribeiro, o mimoso cautor do D. JAYME, tambem diz:

Jesus! Se o mundo se agita,  
dá-me descanso, Jesus!  
faz-me grama parasita

encostada ao pé da cruz.

Faz-me insecto de ramada  
que ninguém vê na amplidão;  
quero, à sombra do meu nada,  
perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra  
que ninguém bebe, nem vê;  
tira-me os mimos da terra,  
mas dá-me as crenças e a fé.

Que eu sinta sempre o teu nome  
misturar-se aos prantos meus;  
que eu possa morrer de fome  
abençoando-te, ó Deus <sup>24</sup>

Eis como Alexandre Herculano, o exímio historiador e poeta, se curva perante o seu poder e magestade:

Oh, quanto é grande o Rei das tempestades,  
Do raio, e do trovão!  
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,  
Da tarde a viração!  
.....  
Homem, ente mortal, que és tu perante  
A face do Senhor?  
E's a junça do bréjo, harpa quebrada  
Nas mãos do trovador!

Que sublimidade de pensamento n'estas estrophes de João de Deus:

A terra é de côr varia, a planta verde:  
Porque e para quê? O que se perde  
Em ser tudo uma côr?  
O que se ganha em ser tão bem pintada,

---

<sup>24</sup> Da poesia intitulada "JESUS"

Symetrica, mimosa, perfumada  
Uma ephemera flôr?

É que Deus é artista! E noite e dia  
E céu e terra e mar o denuncia...  
Vêde nascer o sol!  
Pôr-se alta noite a lua encantadora...  
Emquanto ao mesmo tempo canta e chora  
Ao longe o rouxinol!

Deus é artista, sim; Deus ama o bello,  
Mais talvez do que o util. O desvelo  
Com que elle trata a flôr!  
Antes de abrir... que mãe tão carinhosa  
Resguarda, mais solicita que a roza,  
Um seu botão d'amor!

Nem podia sahir obra incompleta  
Das mãos de Deus: geometra e poéta,  
Em summo grão, traçou  
A compasso a aboboda celeste;  
Mas de que linhas nuvens se reveste  
Que ao vento tamam vôo!

Esquecel-o-ia, porventura, o illustre Xavier Cordeiro, o poeta do TASSO NO  
HOSPITAL DOS DOUDOS, o entusiasta das creanças, como diz Castilho, e  
o partidario activo da comunhão universal do a-b-c?  
Não por certo:

Para o nada a correr se afana o homem;  
No debil embrião começa a morte;  
Entre mimos de mãe nos foge a infância;  
Entre afagos d'áamor se enroscam penas;  
No horizonte a descer se escôa a vida,  
Vae na tumba firmar-se.

A vaga, a borboleta, a roza, a folha,  
Resumem sonhos da existencia humana;  
Vão as rodas do tempo esmigalhando  
Uma por uma as illusões da terra.  
Tudo morre no mundo - só não morre  
A existência suprema!

O chorado cantor brasileiro, o insigne Gonçalves Dias, depois de ter lamentado as duras ingratidões da vida, ergue-se altivo para exclamar:

Elle mandou que o sol fosse o principio,  
E a razão de existencia,  
Que fosse a luz dos homens - olho eterno  
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros  
Refizesse o vigor  
Da terra diante, do animal cançado  
Em plaino abraçador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,  
Roubando aroma à flôr;  
Que os rochedos tivessem longa vida,  
E os homens grato amor!

Oh! Como é grande e bom o Deus que manda  
Um sonho ao desgraçado,  
Que vive agro viver entre miserias,  
De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere  
Na sua providencia;  
Que o justo durma, descansado re forte  
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,  
Que trema de morrer;  
Em quanto lá nos céos, o que foi morto  
Desfruta outro viver!

Oh! Como é grande o Senhor Deus, que rege  
A mchina estrelhada,  
Que ao triste dá prazer; descanso e vida  
À mente attribulada!

Poderia citar um sem número de poétas e poetizas, que, ennobrecidas pelo talento, teem demonstrado a existencia de um Ser que nos rege, embora alguns impios, homens descrentes e sem fé, digam, sem razão: - «Não há Deus»<sup>25</sup>.

Câmara de Lobos

---

<sup>25</sup> Joaquim Pestana. O Direito, 27 de Maio de 1882.

**HOMENAGEM A ...***É bella a vida entre canções e flores*

Thomaz Ribeiro

Cantae a terra, o mar. Da vasta penedia  
Dizei porque seduz a flôr que pende e córa!...  
Ah! Sinto que me diz a voz d'essa harmonia:  
— «É triste o meigo som de quem, pensando, chóra!...»  
Cantae a terra, o mar. Da vasta penedia  
dizei porque seduz a flôr que pende e córa!...

Cantae a dôce luz que vês no sol poente,  
as noites de luar do céu do teu paiz!  
Que gratas impressões ouvir no som dolente:  
— «Meu Deus! Não volto mais à quadra então feliz!...»  
Cantae a dôce luz que vês no sol poente,  
as noites de luar do céu do teu paiz!

Cantae da triste mãe, que vê seu filho morto,  
a pena, o seu chorar de amôr e de saudade:  
— «Não tenho quem me dê, na magua e desconforto,  
um riso, um meigo olhar de affecto e de bondade!...»  
Cantae da triste mãe, que vê seu filho morto,  
a pena, o seu chorar de amôr e de saudade!...

Cantae a terra, o mar. Da vasta penedia  
dizei porque seduz a flôr que pende e córa!...  
Ah! Sinto que me diz a voz d'essa harmonia:  
— «É triste o meigo som de quem, pensando, pensando, chóra!»  
Cantae as emoções de amôr e de alegria,  
talvez que o seio teu suspire: — «Eu vivo agora!...»<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Joaquim Pestana, Madeira.  
In, Almanach de Lembranças Madeirense, para 1909. Typ. Mendonça, Corpo Santo, 48, Lisboa, pág.  
102.

**SAUDADES** <sup>27</sup>

(N'numa doença)

*Silêncio! Deixa  
Ao coração do triste o seu segredo.*

Garrett.

Quem me déra sonhar meus sonhos lédos,  
De gratas impressões;  
Sentir a doce voz dos meus seguedos...  
Das magras illusões...

Era bella, a visão da mocidade,  
Das graças juvenis!...  
Oh! Sol, que vaes subindo à immensidade,  
Dizei porque subis?

É que foge commigo a doce vida  
Nos ais de ingente dôr;  
É que sinto na fronte enlanguescida  
Da morte o frio horror!

Bem cedo vi fugir da minha aurora  
A paz d'essa harmonia!...  
Ninguem me disse: — «Vae pensando, chóra,  
Que é certo o novo dia!...».

Depois... eu vi morrer meus sonhos d'ouro  
Ao sol da juventude!...  
Perdi a doce luz do meu tesouro  
No bem d'essa virtude!...

---

<sup>27</sup> Joaquim Pestana. In Almanach de Lembranças Madeirense, para 1910. Typ. Do D. Popular, Funchal, pág.136.

---

**CANÇÃO DO MARINHEIRO** <sup>28</sup>

Minha barca, meu tesouro,  
fende os mares, vai além!...  
Vejo sempre o astro d'ouro  
a dizer-me: «filho, vem!...»  
Minha barca, meu tesouro,  
fende os mares, vai além!...

Não invejo os bens da terra  
que só trazem desventura!  
Sobre o mar o peito encerra  
mil segredos de ternura!...  
Não invejo os bens da terra  
que só trazem desventura!

Eu não temo a vaga altiva,  
nem das ondas o furor;  
sua vista me cativa  
que é sublime o seu amor.  
Eu não temo a vaga altiva,  
nem das ondas o furor.

Tenho noites d'almo goso  
vendo a barca a velejar!  
É mais livre este repouso  
sobre as águas d'alto mar.  
Tenho noites d'almo goso  
vendo a barca a velejar!

Quando surge a meiga aurora  
sinto n'alma a voz de Deus;  
minha fronte não descora  
ante a luz, e o mar, e os céus!  
Quando surge a meiga aurora  
sinto n'alma a voz de Deus!

Minha barca, meu tesouro,  
fende os mares, vai além!...  
Vejo sempre o astro d'ouro  
a dizer-me: «filho vem!...»  
Minha barca, meu tesouro,  
fende os mares, vai além!...

---

<sup>28</sup> Publicado na "MUSA INSULAR" de Luís Marino, 1959.

**CAMÕES** <sup>29</sup>

*Alma minha gentil que te partiste.*  
Camões

Na gruta de Macau, pensando estava  
Camões, o grande vate lusitano;  
de longe, n'essa aragem do oceano,  
lhe vinha o meigo som de quem chorava.

Era d'ela essa voz, celeste e boa,  
que lhe vinha dizer: — «suspiro e choro,  
porque vivo sem ti meu bem, que adoro...  
ah! que vida cruel... adeus... perdoa!

Eu pressinto da morte, em lábio triste,  
esse beijo fatal... «Camões chorava  
e dizia: — «Meu sol que eu tanto amava,  
alma minha gentil que te partiste»!

---

<sup>29</sup> Publicado na «MUSA INSULAR», de Luís Marino, 1959.



**NOS SEUS ANOS**<sup>30</sup>

Oxalá que um dia, ao menos,  
No findar da vida a luz,  
Possas ver ao pé da Cruz  
O teu nome junto ao meu!  
Na mudez da fria lousa,  
Onde tudo é cinza e pó,  
«Gratidão!» ouvirás só  
Porque lá também sou teu!

Pensa e crê; mas deste dia  
Lembra o voto que te dei,  
A ventura que eu sonhei  
No meu sonho de ilusão!...  
.....

---

<sup>30</sup> Manuscrito, excerto publicado no «Diário da Madeira» a 29 de Junho de 1937.

**AS CRIANÇAS** <sup>31</sup>*A Joaquim Teixeira*

Nas margens do Jordão, na antiga Palestina,  
Jesus lá fez surgir o sol da Redenção!  
E tudo se alegrou co'a paz da luz divina,  
À lei que assim nos diz: — «amai o vosso irmão!»  
E todos, num cismar de ignotas harmonias,  
Falavam, entre si, da lei do seu Messias!

E as mães em doce voz, diziam com ternura:  
— «Senhor! abençoai os nossos querubins;  
Oh! dai-lhes o vigor, a graça, a formosura,  
Que sejam sempre bons, que sigam doces fins!»  
Jesus, num meigo olhar, sorria às esperanças  
Daqueles corações, tão puros, de crianças.

E os servos do Senhor, de inveja corroídos  
À paz daquele amor, co'os lírios inocentes,  
Repetem, com desdém, os braços condoídos  
Os anjos do porvir nas rosas florescentes;  
Jesus, em doce voz, e aos brilhos purpurinos,  
Responde: - «Oh; vinde a mim, oh vinde pequeninos!»

---

<sup>31</sup> Publicado na «MUSA INSULAR», de Luís Marino, 1959.

**DEUS!** <sup>32</sup>

*(Dedicado ao Dr. António Xavier Cordeiro)*

Oh! Mãe! que prenúncios de maga tristeza  
nos prantos e ais!  
Não digas, perdoa! na voz da pureza:  
que sonhos fatais!...

Dizei-me se a vida, na quadra formosa,  
tem ledos porvir?  
Quem soube trazer-nos, em tarde saudosa  
tão grato fruir?

Quem poz nesses mares a força gigante  
que aterra e seduz?  
Ao astro da noite, de brilho constante  
quem disse: — dá luz?

Quem deu à criança dormindo,  
de Mãe carinhosa,  
a paz que se nota, co'os Anjos sorrindo  
na face de rosa?

— Meu Filho: as estrelas, o mar gemebundo,  
a terra e os céus,  
foi tudo criado por Quem rege o mundo,  
foi tudo por Deus!

---

<sup>32</sup> Originalmente datado de 1889. Impresso no «Almanaque de Lembranças Luso-Brasilciro», em 1890 e reproduzido no II Vol. da obra do Visconde do Porto da Cruz, intitulada «Notas e Comentários para a HISTÓRIA LITERÁRIA DA MADEIRA», 2.º Período — 1820-1910. Também coligido na antologia «O NATAL na voz DOS POETAS MADEIRENSES», organizada por J. A. Gonçalves, 1989.

**NA LIRA** <sup>33</sup>

Eu sinto no roçar da folha que se agita  
um terno e doce canto!  
Ai! Dize, viração, que tens nesse mistério  
que apagas o meu pranto?

Oh! Quanto sou feliz lembrando o nome dela,  
nos beijos que me deu!  
Será, no meu provir, o fito, a minha estrela  
brilhando no meu céu!

A Mãe! A doce luz que os passos nos dirige  
em noite escura e densa,  
o Anjo que nos vê no pó da sepultura...  
que tem amor e crença...

---

<sup>33</sup> Excerto duma poesia inspirada numa quadra de Mário de Azevedo. Transcrição da obra do Visconde do Porto da Cruz «Notas & Comentários para a HISTÓRIA LITERÁRIA DA MADEIRA», II Volume, 2.º Período — 1820-1910, edição da C.M.F., 1951.

**ESPERANÇA** <sup>34</sup>

*(Ao ex.<sup>mo</sup> snr. António Xavier Rodrigues Cordeiro)*

*Chorae, que a esperança rebenta das lagrimas*  
D. António da Costa

És d'horebe o lume santo,  
meu porvir de rosea aurora;  
és conforto do meu pranto,  
doce alivio de quem chora.

És o ramo de oliveira  
que anuncia amor e paz;  
és a terra hospitaleira  
que a ventura sempre traz.

És de Deus o facho ardente,  
que brilha na immensidade;  
d'harpa colia o som gemente  
a carpir em soledade!...

És a virgem de meus sonhos;  
és a luz do pôr-do-sol;  
és os meus dias risonhos;  
és a voz do rouxinol!...

**II**

Fagueiros momentos me dizes bondosa,  
da sorte o rigor!...  
bem ajas, oh virgem, d'encantos saudosa,  
de crenças e amôr!

Eu quero na terra viver de teus sonhos?  
celestes visões;  
sentir ao teu lado meus dias risonhos,  
a cruz... o perdão!

---

<sup>34</sup> Escrito em 1877. In *Album Poético e Charadístico*, Typ. Popular, Funchal, 1883.

**INFÂNCIA**<sup>35</sup>

A minha infancia! qu' é d' ella?  
qu' é dos meus sonhos d' então?  
qu' é desses dias formosos  
d' ingenuo e mago condão?  
Qu' e d' estas tardes fagueiras  
«da aurora da minha vida?»  
Qu' e d' essas horas primeiras  
«da minha infancia querida?»  
Qu' e d' esses ledos momentos,  
que ouvia os meigos accentos  
das aves ao pôr-do-sol?  
Qu' é d' essa grata harmonia,  
dos cantos que eu repetia  
mirando o lindo arrebol?  
Qu' e d' essa lyra saudosa,  
que ternamente vibrava?  
Qu' é do futuro que eu via  
em cada flor que sonhava?  
Tudo fugiu... e levou-m' o  
o tempo que tudo some  
na sua teima veloz!...  
Agora n' alma o tormento  
a definhar-me, cruento  
das minhas crenças apoz!...

---

<sup>35</sup> In Album Poético e Charadístico, Typ. Popular, Funchal, 1883.

**NUM CEMITÉRIO** <sup>36</sup>

Como é triste o silêncio do túmulo  
Como a cousa nos gera terror  
Negras Sombras vagueiam sinistras  
Alta noite, da lua nova ao palor!

Quantos jazem no leito da morte  
Sem que a vida lhes fosse aventura!  
Hoje em luto, para sempre mirrados  
Sob a campa, sem dor, amargura.

Aqui dormem o sono profundo,  
Sono eterno de terreno dormir  
E nas salas dos ricos fulgores,  
Cantos hinos, da orgia a sorrir...

Tudo acaba... Na lage funerea  
Tem seu termo de glória o sonhar,  
Altos dons - É de Deus o mystério  
Nem aos homens lhes cabe sondar.

---

<sup>36</sup> In "O Direito" de 17 de Setembro de 1902.

**DEUS** <sup>37</sup>

*Quem enche o céu de tanta luz brilhante?  
Quem borda a terra dum matiz fecundo?*

Santa Rita Durão

Deus! diz a terra no seu giro imenso;  
Deus! diz a aragem perpassando a lém;  
Deus! diz a noite com seu veu de gaze;  
Deus! diz a prece duma santa mãe.

Deus! diz a virgem se, pensando chóra;  
Deus! diz a face de gentil creança;  
Deus! diz a aurora com seus raios d'ouro;  
Deus! Diz o canto se traduz - esperança!

E o sol assim diz: - Que luz na imensidade!  
E o mar no seu dormir: - Que paz nos sonhos meus!  
E a fé, na doce voz: - alento a humanidade!  
E o céu, no seu brilhar: - Sou luz do próprio Deus!

---

<sup>37</sup> Câmara de Lobos, 1872. In Jornal da Madeira, 17 de Julho de 1952.



**ÚLTIMO CANTO** <sup>38</sup>

Adeus à Poesia

*(À distinta poetisa a ex.ma. Sr. D. Luisa Amélia Queiroz)*

Escuta: eu venho dar-te o rude canto  
da amarga despedida;  
falar-te do meu triste e doce pranto,  
do fel da minha vida!...

Quando eu tinha perdido amor e crença,  
a luz e f'licidade,  
tu vieste adoçar a dor imensa  
da funda soledade!

E disseste: – «Que tens, que dor profunda  
te fez adormecer?  
Ai! fita o meigo olhar! Meu ser te inunda  
de luz e de prazer?...»

E seguiste, visão! Teu doce brilho  
minha alma fascinou!  
Não me deste pesar no mago trilho,  
nem fel de ti ficou!

Quando eu tinha perdido amor e crença,  
a luz e f'licidade.  
tu vieste adoçar a dor imensa  
da minha soledade!

---

<sup>38</sup> Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1900.

**NO TEMPLO**

*(Ao Dr. António Xaxier de Sousa Cordeiro)*

*De ti, Senhor, minha alma necessita.*

D.J.G. Magalhães - Suspiros poéticos.

Senhor: tu vês sorrir a flôr que além desponta,  
tu vês que a fronte pende ao fél que então libei!  
Oh dá-me o doce bem na vida que reponta...  
    til és a minha lei!

Eu sinto que me diz a voz da mocidade:  
— «Espera que o porvir te faça conhecer  
aquele que te fez em funda soledade,  
    luctar e padecer!...

Ninguém te foi dizer: — Na paz do teu futuro  
eu leio as impressões d'um bello e novo dia!...  
Descerra o negro véo que abafa o seio puro,  
    que é triste essa agonia!...

Descanta o meigo sol que fulge em céu d'esprança,  
a maga e doce luz que vem da immensidade;  
esquece o teu pezar de amor e confiança...  
    e crê na eternidade!

Eu nunca te levei a mágoa e desconforto  
ao pobre coração que amava com ternura!...  
Eu quero ser o bem nas horas do teu horto...  
    ao réz da sepultura!...»

Senhor! n'esta mudez, aos beijos da alvorada,  
eu vejo o teu sorrir de amor e de perdão!  
Attende o meu gemer na voz immaculada,  
    apaga esta esta illusão!...

## CANÇÕES POPULARES DA ILHA DA MADEIRA

*Ao Sr. Dr. Xavier Cordeiro*

Quando te não conhecia  
nada de ti me importava,  
sem pensamentos dormia,  
sem cuidados acordava.

Laranjeira ao pé da serra  
deita retilhos de prata;  
tomar amores não custa,  
deixa-los é que me mata.

As ondas do mar, lá fóra,  
são amarellas côr d'ouro;  
esses teus olhos, menina,  
são chaves do meu thesouro.

O tempo gasta e consome  
da pedra o proprio letreiro:  
só não gasta nem consome  
amor puro e verdadeiro.

Os ferros d'el-rei são rijos,  
O meu amor é mais forte;  
os ferros gastam-se à lima,  
o meu amor só por morte.

Esses teus olhos, menina,  
são de pau de Moçambique;  
são olhos que roubam almas,  
deitam corações a pique.

Cupido vae para a serra  
descalço, pisando flôres,  
dizendo: — «Viva quem ama,  
morra quem não tem amores!»

Meu amor dá-me um beijinho,  
faz um bem pela tua alma,  
não sabes quanto refresca  
um beijo em tempo de calma.

Já te quiz, já te não quero,  
meu amor, já te engeitei;  
já cá tenho outros amores  
de quem mais conta farei.

Deixei de amar o sol claro  
para amar a noite escura;  
eu hei-de amar quem quiser  
que inda não fiz escriptura.

Toda a flôr que é bem nascida  
faz açções de bem creada;  
inda que seja offendida  
não se dá por aggravada.

**AOS PÉS DA CRUZ** <sup>39</sup>

*Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto  
Escutas minha voz que te suplica.*

A. Gonçalves Dias

Atende a queixa saudosa  
Do meu cantar doce e crente:  
—«Perdi meu céu cor de rosa  
De repente.

A aurora vinha raiando,  
Vestia-a o campo de flores;  
Dizia a virgem cantando:  
—Meus amores;

O sol descaí no poente  
Dourando a face do mar;  
A brisa vem docemente  
Suspirar.

A pomba voa nos ares,  
É bela a cor da romã;  
O seio não tem pesares  
De manhã.

Ali, no lago de prata,  
Eu vou meu rosto mirar;  
Também a noite retrata  
De luar.

---

<sup>39</sup> Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1904.

A terra tem luz e flores,  
O mar a vasta amplidão;  
Quem ama não sente dores,  
Meu irmão!...»

Depois a nuvem sombria  
Desfez a luz dessa aurora!  
Por isso ador me crucia  
Mesmo agora!

Oh! vem tirar de minha alma  
A triste cor deste véu!...  
Contigo o pranto se acalma,  
Luz do céu!